

**Descrição:** Um católico que rejeita a fé e adota a Filosofia e posteriormente aceita o Islã, devido a muitas perguntas não-respondidas. Parte 1: Dúvidas na fé.

Por N.K.

Publicado em 13 Jul 2009 - Última modificação em 13 Jul 2009

Categoria: [Artigos](#) > [Histórias de Novos Muçulmanos](#) > [Homens](#)

---

Nascido em 1954 no interior do noroeste dos Estados Unidos, fui criado em uma família religiosa como católico romano. A Igreja proveu um mundo espiritual que era inquestionável em minha infância, e mais real do que o mundo físico ao meu redor, mas à medida que cresci e especialmente depois de entrar para a universidade católica e ler mais, minha relação com a religião se tornou cada vez mais questionável, na crença e na prática.

Uma razão foram as mudanças frequentes na liturgia e rituais católicos ocorridos no Concílio Vaticano II de 1963, que sugeriu aos leigos que a Igreja não tinha padrões firmes. O clero falava sobre flexibilidade e relevância litúrgica, mas para os católicos comuns, eles pareciam estar tateando no escuro. Deus não muda a revelação, nem as necessidades da alma humana, e não havia nenhuma nova revelação dos céus. Ainda assim nos apegávamos a essas mudanças, semana após semana, ano após ano, adicionando, subtraindo, mudando a língua de latim para inglês e, finalmente, introduzindo guitarras e música folclórica. Os padres explicavam e explicavam enquanto os leigos balançavam as cabeças. A busca por relevância deixou grandes números convencidos de que não havia muita em primeiro lugar.

Uma segunda razão foi um número de dificuldades doutrinárias, como a doutrina da Trindade, que ninguém na história do mundo, padre ou leigo, foi capaz de explicar de forma convincente, e que se resolve por si mesma, para a mente comum pelo menos, como um tipo de divindade-por-comitê, compartilhada entre Deus o Pai, que governava o mundo dos céus; Seu filho Jesus Cristo, que salvou a humanidade na terra; e o Espírito Santo, que era retratado como uma pomba branca e parecia ter um papel consideravelmente menor. Lembro de querer fazer amizade especial com pelo menos um deles para que pudesse melhorar minha situação com os outros, e com essa finalidade, às vezes orava determinadamente para um e às vezes para o outro; mas os outros dois estavam sempre teimosamente lá. Finalmente decidi que Deus o Pai devia estar encarregado dos outros dois, e isso colocou um obstáculo formidável no caminho do meu catolicismo, a divindade de Cristo. Além disso, a reflexão deixou claro que a natureza do homem contradizia a natureza de Deus em todos os detalhes, o limitado e o finito de um lado, o absoluto e o infinito de outro. Que Jesus fosse Deus era algo que não podia me lembrar de ter realmente acreditado, na infância ou mais tarde.

Outro ponto de incredulidade foi a negociação da Igreja em ações e bônus no paraíso chamada de indulgências, o "faça isso e aquilo e muitos anos serão diminuídos de sua

sentença no purgatório" que parecia tão falso a Martim Lutero no surgimento da Reforma.

Também me lembro de um desejo por uma escritura sagrada, um livro que pudesse prover orientação. Uma Bíblia foi dada a mim em um Natal, uma bela edição, mas ao tentar lê-la, a descobri tão desconexa e destituída uma linha coerente que foi difícil pensar numa forma de basear a vida nela. Somente mais tarde aprendi como os cristãos resolvem a dificuldade na prática, os protestantes criando teologias sectárias, cada qual enfatizando os textos de sua seita e minimizando o resto; os católicos minimizando tudo, exceto os fragmentos mencionados em sua liturgia. Algo parecia faltar em um livro sagrado que não podia ser lido como um todo.

Além disso, quando fui para a universidade, descobri que a autenticidade do livro, especialmente o Novo Testamento, tinha ficado sob dúvida considerável como resultado dos estudos hermenêuticos modernos feitos pelos próprios cristãos. Em um curso sobre teologia contemporânea, li a tradução de Norman Perrin do *The Problem of the Historical Jesus* (O Problema do Jesus Histórico, em tradução livre) de Joachim Jeremias, um dos principais estudiosos do Novo Testamento desse século. Um crítico textual que era um mestre das línguas originais e tinha passado muitos anos com os textos, ele finalmente concordou com o teólogo alemão Rudolph Bultmann, que sem uma dúvida, disse que o sonho de escrever uma biografia de Jesus acabou, significando que a vida de Cristo como ele de fato a viveu não podia ser reconstruída a partir do Novo Testamento com qualquer nível de confiança. Se isso é aceito de um amigo do Cristianismo e um dos seus mais destacados especialistas textuais, pensei, o que sobrava para ser dito pelos inimigos? E o que restou da Bíblia exceto reconhecer que era um registro de verdades misturadas com ficções, conjecturas projetadas sobre Cristo por seguidores posteriores, eles próprios em desacordo entre si sobre quem o mestre tinha sido e o que ele ensinou? E se teólogos como Jeremias podiam se ressegurar de que em algum lugar sob as camadas de adições posteriores ao Novo Testamento havia algo chamado o Jesus histórico e sua mensagem, como as pessoas comuns esperavam encontrá-la, ou conhecê-la, se fosse encontrada?

O endereço web deste artigo:

<http://www.islamreligion.com/pt/articles/92>

Copyright © 2006-2011 [www.IslamReligion.com](http://www.IslamReligion.com). Todos os direitos reservados.